



Relatório

Avaliação Interna



Comissão de Avaliação Interna

Benjamin Moura, Cátia Carminé, Fátima Sofia Baptista, Florbela Pinto, Helena Abrunhosa, Jorge Gonçalves,
Luísa Caiado, Maria Leónida Oliveira, Olga Carminé

2020

Índice

1. Introdução	2
2. Enquadramento teórico da autoavaliação	4
3. Desenvolvimento do Processo	
3.1 Enquadramento teórico	7
3.2 Desenvolvimento dos questionários	9
3.3 Definição das amostras	10
4. Análise dos resultados dos inquéritos	11
4.1 – Docentes	11
5. Reflexão dos diferentes departamentos	20
6. Conclusão	23

1. Introdução

A avaliação das escolas tem surgido nos últimos anos, de uma forma decretada, como o garante da qualidade de ensino.

A adesão de um número cada vez maior de escolas a experiências de autoavaliação exemplifica o reconhecimento, por parte dos atores educativos, da função que esta tem no desenvolvimento das organizações escolares e dos seus profissionais.

A autoavaliação promove nas escolas uma reflexão profunda sobre as suas práticas, envolvendo todos os atores. Esta reflexão deveria levar a uma melhoria dos seus pontos fracos então detetados e a uma posterior meta-avaliação que verifique a qualidade dessa avaliação. No pressuposto de que “ *a vida da escola é um composto de múltiplas perspetivas e a escolha de uma abordagem avaliativa requer, por isso mesmo, uma sensibilidade para a complexidade inerente a cada aspeto da vida da escola.*” (MacBeath, 2005, p. 177)¹.

Neste ano letivo, a Comissão de Avaliação Interna entendeu centrar-se na avaliação do ensino a distância que começou no dia 14 de abril de 2020, primeiro dia de aulas do 3.º período até ao seu término, dia 26 de junho, na sequência da declaração do Estado de Emergência devido à pandemia de COVID-19.

Logo, na última semana do 2º período, a direção da escola solicitou a todos os professores titulares de turma ou diretores de turma, o levantamento dos alunos sem acesso a meios tecnológicos e Internet, o que permitiu aos docentes ponderar e adequar os meios e atividades a propor.

No decorrer da primeira semana de aulas do 3º Período, os professores deram continuidade, em todos os ciclos de ensino, ao trabalho de acompanhamento aos alunos que tinha sido desenvolvido até ao momento. Na semana seguinte, entrou em vigor um conjunto de orientações, determinadas pelo Conselho Pedagógico, relativamente à forma como o ensino à distância iria funcionar no Agrupamento de Escolas Dr. José Leite de Vasconcelos através da plataforma Teams para o Ensino à Distância.

Foi igualmente disponibilizado a docentes, alunos, encarregados de educação o acesso a uma conta institucional de email, a possibilidade de contactar por SMS, telemóvel e distribuição de atividades a realizar em casa para os alunos que não tinham meio tecnológicos com a colaboração da Autarquia e das Juntas de freguesia na sua distribuição e recolha. Aos alunos sem meios tecnológicos o Agrupamento de Escolas disponibilizou tablets, a Autarquia distribuiu também computadores e acessos à Internet.

A Escola de Acolhimento funcionou no Centro Escolar para os alunos, cujas famílias eram

¹ Macbeth, J. et al (2005). *A História de Serena*. Porto. Edições ASA.

trabalhadores essenciais, disponibilizando nesse espaço os meios tecnológicos para os alunos terem acesso ao ensino a distância.

Portanto, centrando-nos na avaliação do ensino a distância, organizámos da seguinte forma o nosso trabalho: elaboração de inquéritos por questionário a alunos, docentes, encarregados de educação e aplicação e análise de inquéritos aos docentes. No próximo ano letivo iremos aplicar os inquéritos por questionário aos alunos e encarregados de educação e concluiremos a sua análise.

2. Enquadramento teórico da autoavaliação

Como refere o Relatório da ESIS, em 2000, (cit. in Alaiz, 2003, p. 19)², a avaliação interna das escolas ou autoavaliação é “(...) o processo pelo qual uma escola é capaz de olhar criticamente para si mesma com a finalidade de melhorar posteriormente os seus recursos e o seu desempenho.”

A avaliação interna apresenta um conjunto de características que lhe estão inerentes, tais como:

- é um processo de melhoria das escolas;
- é um exercício coletivo, assente no diálogo e confiança;
- é um processo de desenvolvimento profissional;
- é um ato de responsabilidade social;
- é uma avaliação orientada para a utilização;
- é um processo conduzido internamente com intervenção externa.

Para autores como Vítor Alaiz (2003, p. 16)³ a avaliação interna:

“é aquela em que o processo é conduzido e realizado exclusivamente por membros da comunidade educativa da escola. Pode ser definida como a análise sistemática de uma escola, realizada pelos membros de uma comunidade escolar com vista a identificar os seus pontos fortes e fracos e a possibilitar a elaboração de planos de melhoria.”

Ainda para este autor, a autoavaliação é um modelo “aberto”, sem procedimentos obrigatórios, nem indicadores previamente estabelecidos, centrada na satisfação das necessidades dos destinatários dos serviços oferecidos pela instituição; sem adoção prévia de quaisquer “critérios nacionais de avaliação”. No entanto, só com a execução e avaliação de um “Plano de Ação para a Melhoria da Qualidade” o “ciclo” do processo ficará concluído. Poderá ainda ser aperfeiçoada por um “amigo crítico” que possibilita o cruzamento do “olhar” externo com a reflexão interna.

Segundo Alaiz (2003)⁴, o importante é como se usam os dados tendo sempre com perspetivas melhorar o futuro e envolver os atores.

Ou ainda, segundo MacBeth (2005)⁵, o caminho para a autoavaliação deverá ser traçado pela própria escola, envolvendo e visando a participação de todos os atores e promovendo a reflexão sobre objetivos, práticas e resultados.

² Alaiz, V., et al (2003). Auto-Avaliação de Escolas: Pensar e Praticar. Porto. Edições ASA.

³ Obra citada

⁴ Obra citada

⁵ Macbeth, J. et al (2005). *A História de Serena*. Porto. Edições ASA.

A autoavaliação não é um fim em si mesma. Ela exige uma contínua reflexão e implementação de planos de melhoria que por sua vez serão avaliados. A avaliação da autoavaliação, meta-avaliação, é assim fundamental para se verificar a qualidade do processo efetuado.

3. Desenvolvimento do processo

A nossa autoavaliação parte do modelo “Perfil de Autoavaliação das Escolas” (PAVE), que toma como ponto de partida doze áreas da vida da escola, que pretendem abrir a discussão sobre a qualidade e eficácia da escola:

<p>Resultados: Resultados escolares Desenvolvimento pessoal e social Saídas dos alunos</p>	<p>Processos a nível de sala de aula: O tempo como um recurso de aprendizagem Qualidade da aprendizagem e do ensino Apoio às dificuldades de aprendizagem</p>
<p>Processos a nível da escola: A escola como um local de aprendizagem A escola como um local social A escola como um local profissional</p>	<p>O Meio: Escola e família Escola e comunidade Escola e trabalho</p>

Este Perfil de Autoavaliação das Escolas, trata-se de um modelo aberto, pois não tem procedimentos obrigatórios e não tem indicadores previamente estabelecidos, dando margem de manobra às escolas para estas puderem adicionar as suas próprias categorias.

Os objetivos deste modelo são bem claros, segundo MacBeath (2005, p. 181)⁶:

1. *Promover uma discussão séria e objetiva entre todos os grupos de atores, favorecendo a criação de uma cultura de avaliação mais aprofundada e de autoavaliação permanente;*
2. *Conseguir uma imagem da escola tal como é vista por professores, alunos e pais;*
3. *Ajudar a identificar e a definir áreas prioritárias para avaliar com maior profundidade.*

A aplicação deste modelo tem vindo a ser efetuada pela Comissão de Autoavaliação, com a “ajuda” de um amigo crítico que teve, entre outras, as seguintes tarefas apresentadas por MacBeath (2005, pp. 186 – 187)⁷:

- *apresentar o projeto, clarificar os objetivos e criar um clima relacional propício à sua realização;*

⁶ Obra citada.

⁷ Obra citada.

- *ajudar a ultrapassar os momentos de dificuldades na análise do PAVE;*
- *aconselhar na seleção e na utilização dos instrumentos de avaliação;*
- *participar na fase de interpretação dos dados.*

3.1 - Enquadramento Teórico

Ensino a distância

O espaço digital está cada vez mais presente no dia-a-dia da sociedade moderna, na qual tanto as ligações laborais quanto individuais utilizam e beneficiam dessa realidade atual.

As mudanças estruturais da economia mundial são influenciadas por tais articulações em rede, nas quais a informação e o conhecimento são pilares fundamentais nas dinâmicas laborais e empresariais. Foi Castells, sociólogo espanhol, que usou pela primeira vez a expressão “sociedade em rede”, em 1970. Castells dedicou-se ao estudo do impacto que as tecnologias teriam na economia e na sociedade. Segundo Castells (2002), as relações humanas passariam a ser, cada vez mais, estabelecidas em ambientes digitais e que a relevância social de cada indivíduo poderá assim depender dessa sua presença digital.

Ao contrário do que acontecia nas sociedades industriais, a sociedade atual adota valores mais humanos nas suas relações laborais, sociais e educacionais.

Dessa forma, a qualidade da educação e o nível da apropriação tecnológica de uma sociedade são fatores importantes para medir o seu desenvolvimento. A adoção de políticas públicas educacionais que disseminem o acesso à educação são formas de multiplicar o acesso à informação e/ou à qualificação profissional.

Segundo Moran (1994), o conceito de educação a distância está relacionado com a utilização de recursos tecnológicos e didáticos para mediar a comunicação entre professores e alunos, que estão separados espacial e/ou temporalmente.

Deste modo, essa modalidade educacional é responsável por romper com os paradigmas educacionais tradicionais na medida em que torna possível, através das Tecnologias da Informação e Comunicação, estabelecer a relação de ensino e aprendizagem.

Ao iniciarmos a abordagem a respeito da modalidade do ensino a distância é necessário introduzir a temática das “plataformas digitais”. Uma plataforma digital pode ser definida enquanto unidade durável composta por vários elementos que a compõem enquanto estrutura, na qual esses elementos, assim como sua totalidade, mantêm entre si uma correlação permanente (Passarelli, Oliveira, Ribeiro & Mealha, 2014). Dessa forma uma plataforma digital poder ser definida como uma “base tecnológica concebida e usada humana e socialmente para que se produza, armazene, recupere,

dissemine, comunique e transforme o fluxo informacional. A plataforma digital (...) substitui com vantagem o emprego da expressão comum, ainda que bastante vaga, de tecnologia de informação e comunicação, e absorve o conceito de sistema tecnológico ou infraestrutura tecnológica.” (Passarelli, Oliveira, Ribeiro & Mealha, 2014, p.115-116).

O ensino a distância confirma-se cada vez mais como uma tentativa de democratização do ensino, considerando o atual cenário educacional e pandémico o único meio de os alunos continuarem a construir a sua aprendizagem em substituição das atividades presenciais em sala de aula. Tais ambientes digitais de aprendizagem possuem determinadas particularidades importantes que auxiliam em todo o processo de aprendizagem do ensino a distância, nomeadamente:

“Interação multidirecional e multimodal, conexões possíveis de se estabelecer com links internos ou externos aos sistemas, o registo contínuo das produções que podem integrar múltiplas interações nos caminhos percorridos pelo aluno ao explorar informações na navegação linear, a recuperação instantânea dos registos de qualquer etapa do processo, a realização de tantas atualizações quantas forem necessárias, a avaliação da aprendizagem do aluno e do projeto do curso” (Almeida, 2010, p. 92).

A educação a distância é “uma forma de ensino que possibilita a autoaprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação”.

Ou seja, o ensino a distância é um novo ambiente de ensino - oriundo da utilização dos meios gerados pela sociedade em rede e pela sociedade da informação. Neste novo tipo de ambiente, é necessário que tanto os docentes, quanto os discentes reformulem a sua postura perante os processos de obtenção e difusão do conhecimento.

3.2 - Desenvolvimento dos questionários

Neste ano letivo, a Comissão desenvolveu o seu trabalho de recolha de informação, através da realização de inquéritos por questionário procurando envolver toda a comunidade.

De acordo com Ghiglione e Matalon⁸ (2001), o inquérito por questionário é uma técnica de recolha de dados de forma padronizada e tem como objetivo obter de forma sistemática e ordenada informação de uma determinada população a investigar, recolhendo informação sobre o que essa população faz, pensa, sente, aprova ou desaprova.

O questionário foi elaborado tendo por base um outro inquérito por questionário⁹, mas adaptado à nossa realidade e ao que pretendíamos avaliar. Partindo de um conjunto de questões base, foram elaborados três questionários diferentes para os três grupos que pretendíamos inquirir.

Os questionários a aplicar aos alunos, docentes e encarregados de educação são constituídos por duas partes, com temáticas diferentes. Na primeira parte do questionário, estão questões de caracterização das nossas amostras, obtendo dados sobre o sexo, a idade, entre outros. Na segunda parte do questionário dos docentes foram feitas perguntas relativas ao ensino a distância, tais como: “Quais foram os recursos que mais utilizou para contacto com os alunos durante o período de ensino feito à distância?”; “Considera que a Plataforma Teams era adequada às suas aulas de ensino a distância?”; “Se respondeu Não, diga outras plataformas que podiam ser utilizadas ou que utilizou com os seus alunos?”; “Teve alguma dificuldade em se adaptar às aulas online?”; “Se respondeu sim, mencione algumas das principais dificuldades que sentiu?”; “Considera que conseguiu chegar a todos os alunos?”; “Se considera que não conseguiu chegar a todos os alunos, porquê?”; “Sentiu necessidade de reorganizar as metodologias de avaliação à nova realidade?”; “Quais foram as metodologias de avaliação que optou por utilizar?”; “Considera que o apoio prestado aos docentes pelas diversas entidades foi positivo ou negativo?”; “Refira 3 pontos fortes do ensino a distância”; “Por fim, refira 3 pontos fracos do ensino a distância”.

⁸ GHIGLIONE, R., & MATALON, B. (2001). O Inquérito (4ª ed.). (C. L. Pires, Trad.) Lisboa: Celta

⁹ Questionário sobre O Ensino a distância, As Perceções e a(s) palavra(s) dos professores, FENPROF: https://www.fenprof.pt/Download/FENPROF/SM_Doc/Mid_115/Doc_12667/Anexos/ED_-_a_percecao_dos_professores.pdf?utm_source=phplist547&utm_medium=email&utm_content=HTML&utm_campaign=FENPROF+divulga+os+resultados+do+questionário+sobre+ensino+a+distância%3A++Professores+assinalam+aument+das+desigualdades+e+cansaço+extremo

3.3. Definição das amostras

Segundo Tuckman (1994, p. 338), “A população (ou grupo-alvo) utilizada num estudo em que se recorra ao questionário ou à entrevista, é o grupo sobre o qual o investigador tem interesse em recolher informação e extrair conclusões.” O questionário, segundo Tuckman (1994), é usado para “(...) transformar em dados a informação directamente comunicada por uma pessoa (ou sujeito). Ao possibilitar o acesso ao que está dentro da cabeça de uma pessoa, estes processos tornam possível medir o que uma pessoa sabe (informação ou conhecimento), o que gosta e não gosta (valores e preferências) e o que pensa (atitudes e crenças)” (p. 307)

A Comissão começou por definir que os questionários, já mencionados, seriam aplicados aos docentes, alunos e encarregados de educação usando a plataforma Google Docs, permitindo assim uma recolha e análise de resultados mais eficazes e céleres.

Inicialmente, foi solicitado aos docentes do agrupamento que respondessem ao questionário através do *link* enviado para o email institucional de cada docente.

Relativamente aos alunos e encarregados de educação, a amostra será definida no próximo ano letivo em reunião da Comissão de Avaliação Interna

4. Análise dos resultados dos inquéritos

4.1. Docentes

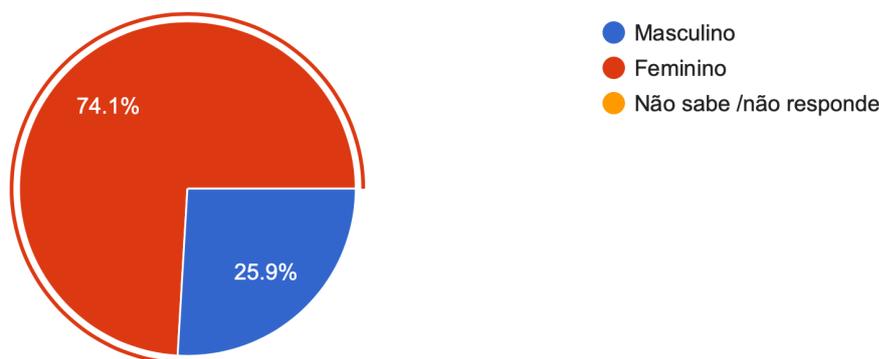
Relativamente às questões de identificação deste grupo de inquiridos, foram obtidos os seguintes resultados:

Idades	Docentes
Entre 30 e 39 anos	1,9%
Entre 40 e 49 anos	41,81%
Entre 50 e 59 anos	36,36%
Com 60 anos ou mais	18,18%

Pela análise da tabela conclui-se que os docentes têm na sua maioria idades compreendidas entre os 40 e os 59 anos.

1.Sexo

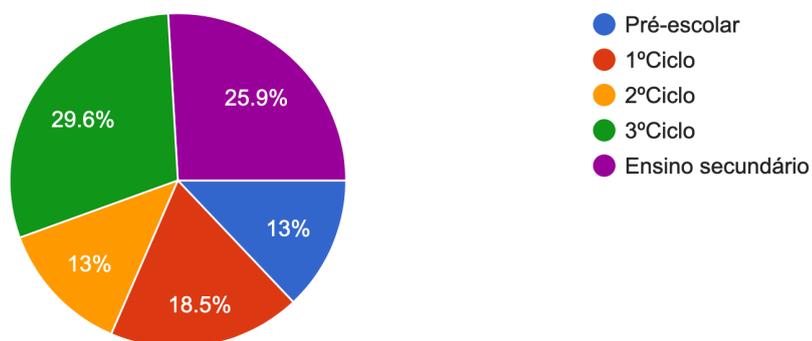
54 responses



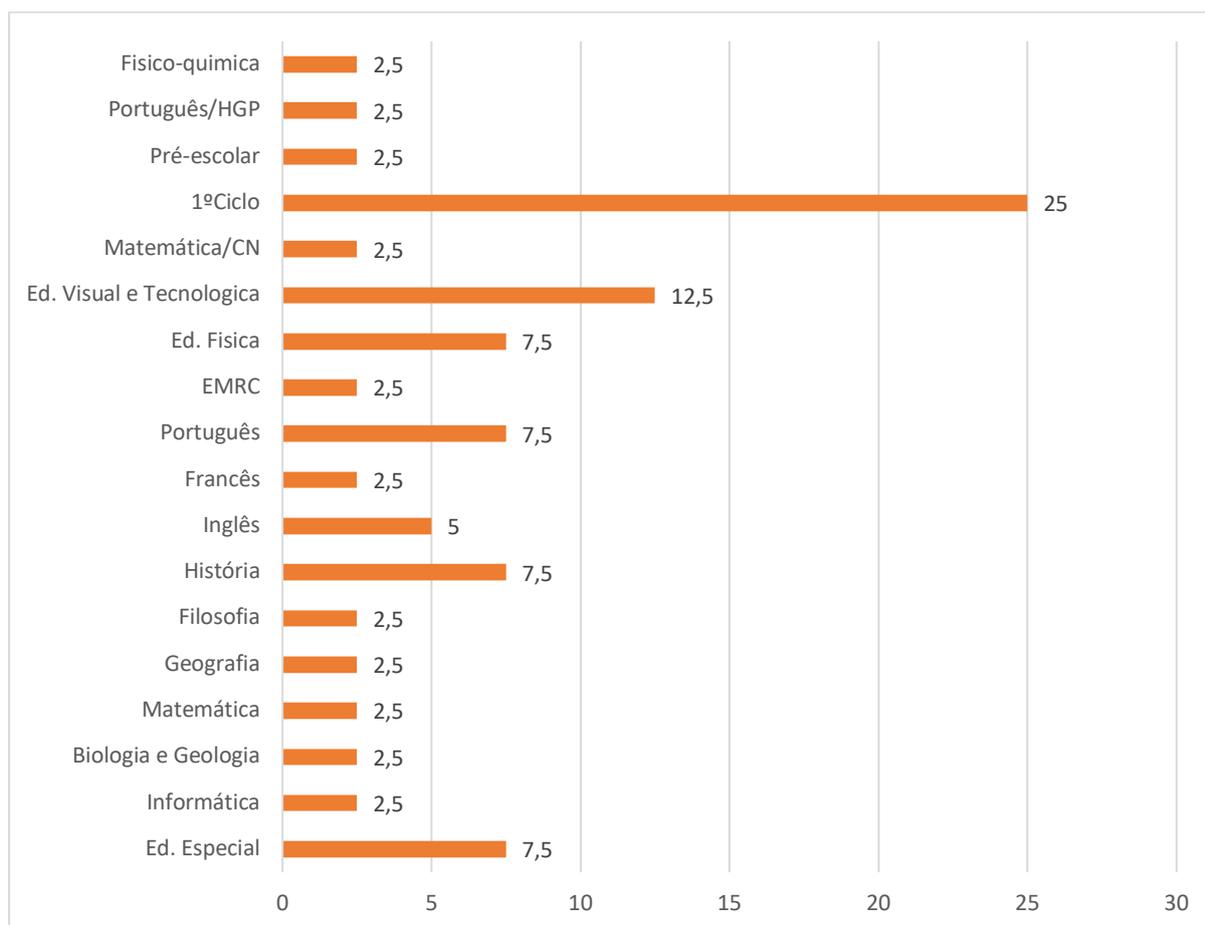
Segundo os resultados apresentados no gráfico é de concluir que prevalece o sexo feminino no corpo docente do agrupamento.

3. Ciclo de ensino em que leciona

54 respostas



Na sua grande maioria os professores que responderam ao questionário lecionam no 3º ciclo (29,6%) e ensino secundário (25,9%).

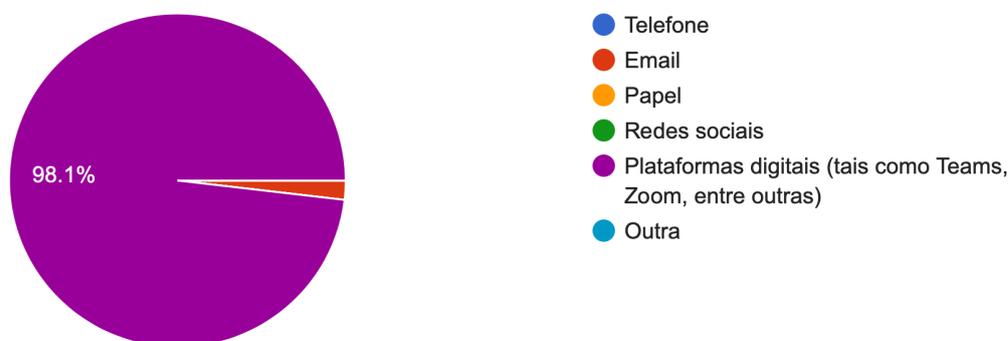


Analisando o gráfico, é possível verificar que o maior número de inquiridos pertence ao grupo de recrutamento do 1º Ciclo, logo seguido pelos professores de Educação Visual e Tecnológica.

Quanto às questões relacionadas com a problemática em análise, podemos constatar o seguinte: À questão “**Quais foram os recursos que mais utilizou para contacto com os alunos durante o período de ensino feito à distância?**”, a grande maioria dos docentes referiu que usou plataformas digitais (98,1%), apenas 1,9% refere que usou o email para contactar com os seus alunos.

5. Quais foram os recursos que mais utilizou para contacto com os alunos durante o período de ensino feito à distância:

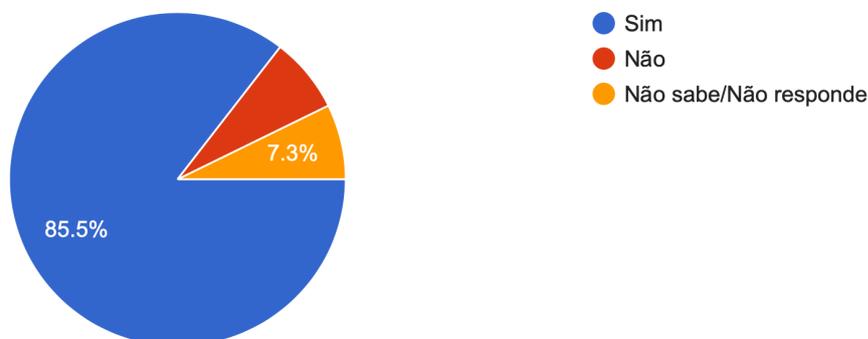
54 responses



Relativamente à questão “**Considera que a Plataforma Teams era adequada às suas aulas de ensino a distância?**”, os docentes assinalam maioritariamente a opção “Sim” (85,5%).

6. Considera que a Plataforma Teams era adequada às suas aulas de ensino a distância?

55 responses



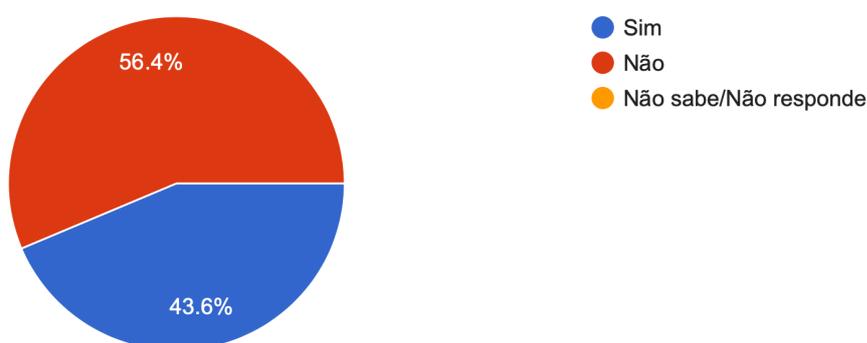
Quem não considerou a Plataforma Teams adequada para as suas aulas de ensino a distância preferiu usar o “ZOOM” ou o email e houve ainda quem mencionasse que algumas disciplinas de

carácter mais prático eram de difícil leccionação através de plataformas digitais, impossibilitando, quase por completo, a leccionação dos seus conteúdos.

Perante a questão “**Teve alguma dificuldade em se adaptar às aulas online?**“, os docentes do agrupamento de escolas dividiram-se, 43,6% responderam que “Sim”, 56,4% responderam que “Não”.

7. Teve alguma dificuldade em se adaptar às aulas online?

55 responses



Dentro dos que sentiram mais dificuldades em adaptarem-se às aulas online, foram referidos os seguintes obstáculos:

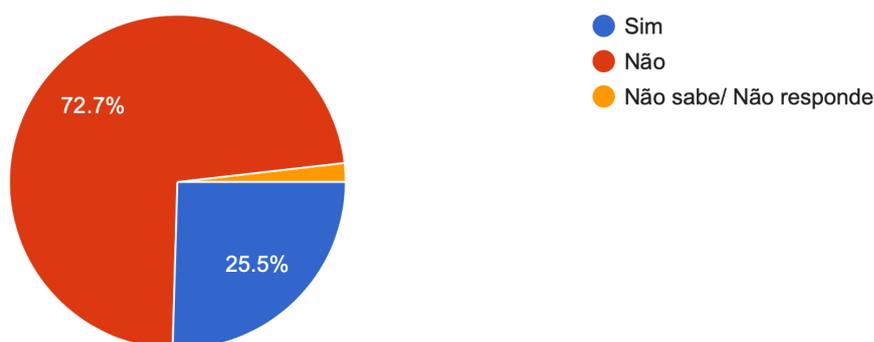
- Dificuldades relativamente ao carácter prático das suas aulas, sendo difícil através do ensino online uma visão plena dos alunos e da execução das tarefas propostas na aula dada à distância;
- Alguns educadores mencionam que as aulas também eram assistidas pelos encarregados de educação;
- Falta de equipamentos para dar as aulas por parte de docentes, mas também de alunos;
- Por vezes, a Internet estando lenta dificultava a apresentação de vídeos com som e animações;
- Nem todos os docentes se sentiam à vontade com a plataforma Teams (saber partilhar o meu ecrã com os alunos, apresentar vídeos com som, manter os microfones dos alunos desligados, não permitir que outras pessoas entrassem na aula sem convite). Além disso, tiveram necessidade de se adaptar a um modelo de ensino completamente novo, com necessidade de uma aprendizagem rápida do modo de funcionamento da plataforma e um maior esforço de aprendizagem por parte dos docentes;

- Há alguns professores a mencionar que o Teams tinha diversas limitações que também dificultavam as aulas (a incompatibilidades com outros sistemas operativos, por exemplo com computador Mac, nas sessões síncronas alguns docentes dizem que só conseguiam partilhar Powerpoint; não permitindo partilha de Word, PDF e áudio);
- Alguns professores chamam a atenção para o facto de não terem uma “perceção visual do que os alunos estavam a aprender, das suas emoções/motivação/ dificuldades. Não poder ver o que estavam a fazer e dar o feedback de imediato”.

Quando confrontados com a questão “**Considera que conseguiu chegar a todos os alunos?**”, 72,7% dos docentes afirma que “Não” e 25,5% que “Sim”.

8. Considera que conseguiu chegar a todos os alunos?

55 responses



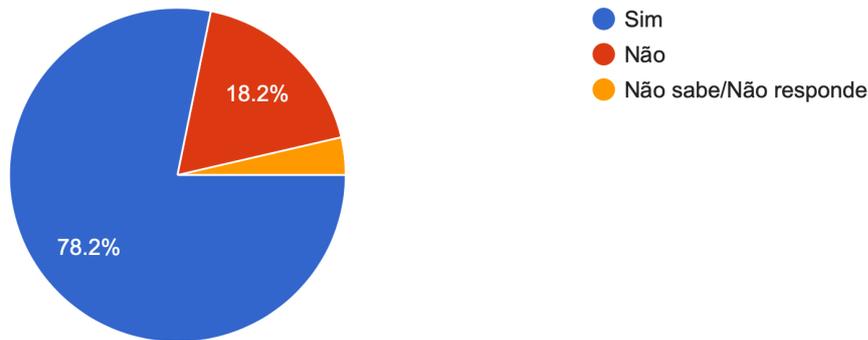
Os motivos apresentados pelos docentes para não conseguirem chegar a todos os alunos foram:

- Havia alunos que não queriam assistir às aulas nem trabalhar, outros estavam nas aulas mas permaneciam constantemente distraídos;
- Bastantes professores referem que havia alunos com dificuldades de meios técnicos nomeadamente computador e ligação à Internet, problemas na câmara e no microfone do computador;
- Para grande parte dos docentes o “processo de ensino/aprendizagem requer presença física, porque nada substitui a sala de aula”;
- Os alunos com mais dificuldades tinham muita dificuldade em acompanhar a matéria nas aulas online;
- Alguns docentes destacaram a falta de acompanhamento e rigor em casa por parte dos pais.

Analisando o gráfico relativo à questão “**Sentiu necessidade de reorganizar as metodologias de avaliação à nova realidade?**”, podemos depreender que a grande maioria dos docentes respondeu “Sim” (78,2%), isto é, teve dificuldades em reorganizar as metodologias de avaliação.

9. Sentiu necessidade de reorganizar as metodologias de avaliação à nova realidade?

55 responses

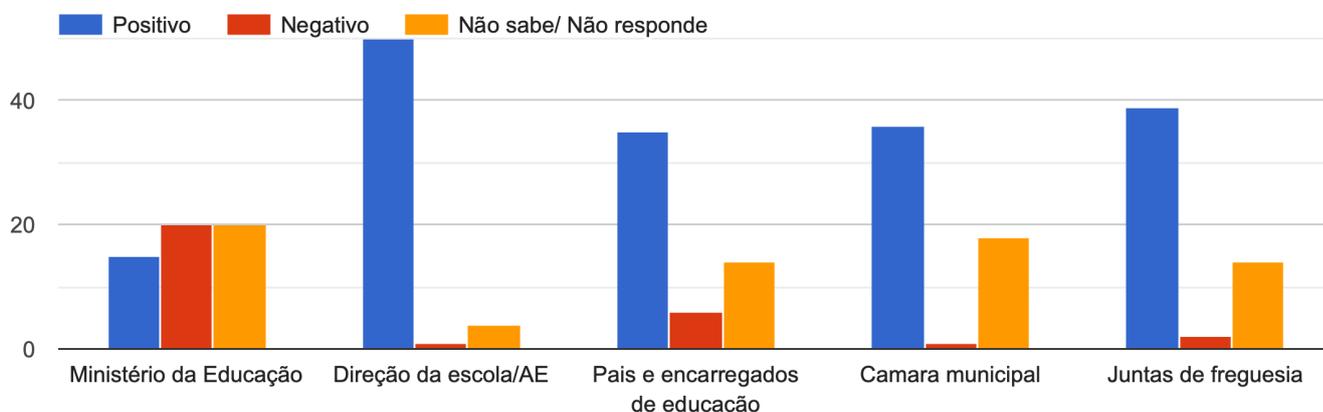


Quanto às metodologias de avaliação que optaram por utilizar, foram mais mencionadas pelos docentes:

- Testes de preenchimento direto online;
- Preenchimento de fichas de autoavaliação;
- Participação nas aulas síncronas e assiduidade;
- Realização atempada de trabalhos solicitados em horário assíncrono;
- Elaboração de portefólios;
- Avaliação contínua;
- Avaliação das interações orais;
- Criação de ferramentas digitais próprias;
- Foram valorizados por alguns professores o sentido de responsabilidade e o esforço demonstrados na realização de tarefas.

No âmbito da questão se “**Considera que o apoio prestado aos docentes pelas diversas entidades foi positivo ou negativo?**”, verificamos que os docentes consideraram que houve uma grande diferença entre o apoio prestado pelas diferentes entidades.

10. Considera que o apoio prestado aos docentes pelas diversas entidades foi positivo ou negativo?



Assim, os docentes consideraram na sua maioria que o apoio dado pela Direção da Escola (90,9%), os pais/Encarregados de Educação (63,6%), Câmara Municipal de Tarouca (65,45%) e Juntas de Freguesia (70,9%) foi positivo; já relativamente ao Ministério da Educação houve menos consenso entre os docentes, pois 36,3% dos professores consideraram que apoio foi negativo e 27,3% que o apoio dado pelo Ministério foi positivo.

Por fim, solicitava-se aos docentes que referissem **três pontos positivos e negativos do ensino a distância**.

Quanto aos pontos positivos, os mais mencionados foram:

- Permitiu que os alunos fossem adquirindo conhecimentos e não esquecessem conteúdos;
- Contribuiu para o contato direto com as novas tecnologias;
- Maior consciencialização dos Encarregados de Educação no dever de acompanhar e conhecer os seus educandos;
- Promoveu o trabalho autónomo por parte dos alunos, exigindo uma boa organização e gestão do tempo;
- A interatividade, acesso a conteúdos dinâmicos/visuais;
- Permitiu manter o distanciamento social;
- Menos problemas de indisciplina, maior controlo do comportamento da maioria dos alunos (se câmara e som ligados);

- Alguns alunos, que se distraíam nas aulas presenciais, melhoraram o seu interesse e participação;
- Maior acompanhamento e interesse de alguns encarregados de educação pela vida escolar dos seus educandos;
- Desenvolvimento de competências digitais, aumento de possibilidades e potencialidades de novas ferramentas digitais;
- Sobretudo no ensino secundário, foi possível lecionar os conteúdos de forma mais rápida e mais eficaz;
- O impacto ambiental foi extramente positivo. A redução da poluição atmosférica foi notória. Numa altura em que a poluição está a pôr em risco a própria sobrevivência da nossa espécie, o ensino à distância devia ser uma prioridade e não um recurso em contexto de pandemia;
- Valorização do trabalho dos professores por parte de alunos e pais;
- Uso de metodologias diferenciadas;
- Maior envolvimento do poder autárquico.

Quanto aos pontos negativos, os mais mencionados foram:

- Dificuldades em tirar dúvidas no momento;
- Dificuldade em trabalhar com alguns alunos que necessitam de apoio constante;
- Dificuldade em conseguir atingir as aprendizagens essenciais das disciplinas;
- Dificuldade em avaliar a execução prática das tarefas;
- Falta de contacto pessoal;
- Os alunos abstraem-se mais facilmente;
- Dificuldade em controlar o trabalho e conhecer o desempenho real de cada discente;
- Acentuou as desigualdades, pois muitos alunos não dispunham das condições materiais para aceder ao ensino à distância;
- Desfasamento entre a aprendizagem efetiva e a nota atribuída;
- Dificuldades ao nível da socialização dos alunos mais novos e com problemáticas específicas (por exemplo, alunos com NEE);
- Dificuldade em avaliar as aprendizagens e desenvolvimento dos alunos;
- Dificuldade em saber se as tarefas propostas foram desenvolvidas pelo próprio aluno ou por um familiar;
- Dificuldade em proporcionar ensino diferenciado;

- Este tipo de ensino requer por parte dos alunos mais autodisciplina;
- Acentua as desigualdades sociais, ficando desfavorecidos os alunos com ambientes familiares mais pobres em estímulos, com maiores dificuldades e/ou com necessidade de apoios, cria também uma maior dependência dos alunos mais novos, comprometendo a autonomia;
- Acréscimo de despesas para exercício da profissão que deveriam ser da responsabilidade da entidade patronal;
- Dificuldade por parte dos pais em acompanhar as crianças nas aulas online;
- Nada substitui as aulas presenciais, pela envolvimento social e pedagógico que elas permitem e que falta ao ensino não presencial;
- Nem todos os alunos e docentes têm competências digitais que lhes permitam rentabilizar este tipo de ensino;
- Alunos indisciplinados que perturbavam as aulas, desligando o microfone aos colegas e até aos professores;
- O barulho de fundo que se ouvia nas casas dos alunos.

5. Reflexão dos docentes por departamento

Foi ainda solicitado aos docentes que de acordo com o ciclo a que pertenciam, fizessem uma reflexão do que correu bem e menos bem, neste período de ensino à distância. Assim, o que de seguida vão ler, são essas reflexões feitas pelos professores do Agrupamento de Escolas Dr. José Leite de Vasconcelos.

5.1. Departamento Pré-Escolar

“Os grupos de crianças que no ano transato participaram no ensino à distância, aprenderam uma forma nova de ensino e de aprendizagens, que apesar da idade conseguiram uma integração e manipulação muito positiva.

Em relação a esta forma de ensino, para os docentes do ensino Pré-Escolar, foi um início muito preocupante e confuso, pois dar aulas a crianças tão pequenas por videoconferência exigiu uma grande adaptação e mudança a instrumentos de trabalho que não eram usuais no dia a dia.

Contudo e como sempre, as docentes foram aprendendo a interagir, a descobrir a melhor forma de transmitir as atividades e as aprendizagens aos alunos que através da plataforma digital assistiam às aulas e, também fazer chegar as atividades aos alunos que não tinham forma de comunicar com a educadora, este trabalho foi feito através das Juntas de Freguesia.

Foi um trabalho e segundo as educadoras muito exaustivo, complicado, mas também muito positivo, pois aprendemos coisas novas, interagimos com as famílias partilhando ideias, trabalhos.

Mas e de acordo com as docentes, foi uma forma de comprovar as diferenças que existem entre as famílias, pois enquanto algumas crianças tinham aulas através da plataforma digital, outras nem acesso a telemóvel tinham.

Apesar de todos os aspetos positivos e segundo as docentes, não gostariam de voltar a fazê-lo, (só em último caso) pois a presença constante dos pais, a interferência dos mesmos nas aulas, sentiram a perda de autonomia, assim como a anulação da autoridade para com os alunos, o facto de estarem em casa levaram muitas crianças a não saber estar na aula, mostrando um comportamento diferente do habitual”.

5.2. Departamento do 1.º Ciclo

“Tendo por base o registo efetuado no final do ano letivo transato, o balanço desta modalidade de ensino, efetivada de março a junho de 2020, é o seguinte:

O trabalho realizado foi considerado positivo, na medida em que quase todos os alunos mantiveram contactos com os professores, participaram nas aulas síncronas, realizaram as tarefas propostas, cumpriram os prazos estipulados para a entrega das mesmas, o que possibilitou a continuidade do processo de ensino-aprendizagem e a aquisição de competências no domínio da literacia digital.

Todavia, verificaram-se diversos constrangimentos principalmente ao nível dos recursos tecnológicos, situações de alguns alunos que participaram pouco e de outros que não participaram por não terem apoio por parte das famílias, dificuldades em apoiar e individualizar as tarefas para os alunos com um ritmo de aprendizagem mais lento, tendo-se, assim, acentuado as desigualdades nas aprendizagens.

Foi reconhecido que o sucesso deste trabalho inédito se deveu ao envolvimento, ao esforço e ao grande empenho que todos, professores, alunos e famílias, depositaram na adaptação a esta modalidade de ensino.

Concluiu-se que faltou essencialmente a consolidação das aprendizagens e que, nesta modalidade de ensino/aprendizagem, a eficácia não se pode igualar à do ensino presencial; e que o “calor humano”, tão importante na vida de todos, foi diferente”.

5.3. Todos os departamentos – 2º/3º ciclos e Secundário

“Relativamente à monitorização do ensino à distância, ano letivo 2019/2020, sublinhar que a maior parte dos alunos revelaram versatilidade, responsabilidade e resiliência. Os docentes demonstraram uma capacidade de adaptabilidade louvável, não obstante a convicção que o feedback inerente ao ensino presencial, em sala de aula, não tem paralelo.

A grande maioria dos alunos participaram nas sessões síncronas, apesar de algumas dificuldades iniciais em garantir a sua participação, uns por falta de meios tecnológicos, outros por falta de rede de internet, mas, na maioria dos casos, estas dificuldades foram ultrapassadas com a colaboração das Juntas de Freguesia, Câmara Municipal, familiares e amigos que colaboraram na impressão e entrega aos pais/encarregados de educação de documentos enviados pelos professores. Inclusivamente, elementos da Direção cooperaram, sempre, na resolução de problemas e um Webinar acerca do Teams e suas funcionalidades, dinamizado pelo Professor Alberto Carreira, ajudou a colmatar as dificuldades apresentadas pela maioria dos professores.

Determinados aspetos negativos parcialmente observáveis prenderam-se com dificuldades na consolidação das aprendizagens; algum decréscimo de aplicação, por parte dos alunos, à medida que o final do ano letivo se aproximou; a impessoalidade desta modalidade de ensino; o acréscimo de burocracia; a perda da dimensão humana; a responsabilidade e ética on-line que a maior parte dos alunos não possui, devendo esta problemática ser alvo de formação e informação, na medida em que inúmeros Encarregados de Educação desconhecem que os alunos trocam ideias e apresentam respostas similares nos exercícios individuais que testam os seus conhecimentos.

Por outro lado, destacamos aspetos positivos examináveis de forma evidente, tais como: as planificações programadas e delineadas foram cumpridas, com uma clara aposta na modalidade de avaliação formativa; não se registaram perdas de tempo letivo com questões relacionadas com a indisciplina dos alunos; igualmente, a melhoria do comportamento de alunos menos disciplinados; a maior facilidade em participar, ao longo da aula, por parte de alguns discentes; a reinvenção do papel dos docentes que conceberam tudo ao seu alcance para melhorar a qualidade de ensino ministrada. Concluimos que a escola, no seu todo, demonstrou bastante responsabilidade e empenho para conseguir atingir um patamar de sucesso, que se verificou com evidências analisáveis”.

5.4. Disciplinas com carácter prático

“Entendemos que o processo de ensino a distância foi bem gerido pela Direção do Agrupamento, principalmente no início da sua implementação onde reinou a tranquilidade, a ponderação e a partilha das decisões.

Não configurando um modelo capaz de induzir aprendizagens significativas, apenas um remendo, a escola soube reinventar-se para responder afirmativamente a tal desígnio.

Especificamente na disciplina de Educação Física, a metodologia do ensino a distância é estéril no desenvolvimento das competências inscritas nos seus documentos curriculares em vigor, inclusivamente nas Aprendizagens Essenciais, devido, fundamentalmente, ao seu carácter prático.

Alinhado com as observações que vão sendo feitas entre os professores, denota-se que, à medida que o tempo passa, os alunos vão manifestando algum cansaço que se reflete numa diminuição dos índices de assiduidade e numa cada vez mais fraca participação na aula.

Como professores foi manifestada uma enorme frustração devido ao facto de ver aumentado ao volume de trabalho sem que para isso se verifique algo de substancial nas aprendizagens”.

6. Conclusão

À Comissão de Avaliação compete apontar alguns aspetos que devem ser objeto de reflexão e análise nas diversas estruturas no sentido de que tudo o que se faz no Agrupamento possa ser ainda mais produtivo e menos burocrático, tendo sempre como foco principal o sucesso de todos.

Assim, apresenta esta Comissão uma série de aspetos que à luz dos domínios e ações avaliados devem, em seu entender, ser tidos em linha de conta.

Pontos Positivos:

- Contribuiu para o contato direto com as novas tecnologias, a interatividade, acesso a conteúdos dinâmicos/visuais;
- Maior acompanhamento e interesse de alguns encarregados de educação pela vida escolar dos seus educandos;
- Maior consciencialização dos Encarregados de Educação no dever de acompanhar e conhecer os seus educandos;
- Promoveu o trabalho autónomo por parte dos alunos;
- Permitiu manter o distanciamento social;
- Menos problemas de indisciplina (“*não se registaram perdas de tempo letivo com questões relacionadas com a indisciplina dos alunos*”);
- Valorização do trabalho dos professores por parte de alunos e pais;
- Maior envolvimento do poder autárquico (“*dificuldades foram ultrapassadas com a colaboração das Juntas de Freguesia, Câmara Municipal, familiares e amigos que colaboraram na impressão e entrega aos pais/encarregados de educação de documentos enviados pelos professores*”);

Pontos a Melhorar:

- Parece haver unanimidade entre a comunidade docente que as aulas presenciais não são substituíveis (“*pela envolvimento social e pedagógico que elas permitem e que falta ao ensino não presencial*”);

- Para rentabilizar este tipo de ensino seria necessário que alunos e docentes tivessem mais formação para que fosse possível o desenvolvimento das competências digitais necessárias;
- No âmbito da disciplina de Educação Física, *“a metodologia do ensino a distância é estéril no desenvolvimento das competências inscritas nos seus documentos curriculares em vigor, inclusivamente nas Aprendizagens Essenciais, devido, fundamentalmente, ao seu carácter prático”*;
- Os professores consideram que este tipo de ensino promoveu um aumento no volume de trabalho (*“foi manifestada uma enorme frustração devido ao facto de ver aumentado ao volume de trabalho sem que para isso se verifique algo de substancial nas aprendizagens”*);
- Dificuldade em trabalhar com alguns alunos que necessitam de apoio constante (*“dificuldades em apoiar e individualizar as tarefas para os alunos com um ritmo de aprendizagem mais lento, tendo-se, assim, acentuado as desigualdades nas aprendizagens”*).

